

ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: O ACERVO PESSOAL DO PROFESSOR OSWALDO RODRIGUES CABRAL

Marcelo Sabino Martins¹

Resumo: Deveria ser recorrente a preocupação com a manutenção de acervos pessoais de pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para a historiografia de um lugar, de uma região, de um povo. Nesta clave ressaltamos a importância de um domínio público do arquivo pessoal do Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978). É notória e indiscutível a importância deste enciclopedista, médico, historiador, político, professor, homem de letras e intelectual catarinense. Oswaldo Cabral contribuiu imensamente com a historiografia, cultura e folclore catarinenses. Deixando um legado de mais de 80 (oitenta) livros de história, ficção, além de contos, crônicas, poesias, desenhos, fotografias e pinturas. Este texto, tenta reforçar e salientar o quanto é importante o conhecimento de acervos pessoais destes importantes intelectuais. Suas escritas ordinárias e demais arquivos constituem importante fonte para melhor conhecer seus produtores, suas pesquisas, suas redes de sociabilidades, os trânsitos pelos centros de conhecimento, pelos campos culturais e políticos. O Professor Oswaldo Cabral, em Santa Catarina, empresta seu nome ao Arquivo Municipal de Florianópolis, ao Museu da Universidade Federal de Santa Catarina, escolas e ruas na cidade e no Estado, o que, por si só, despertam o interesse em conhecê-lo melhor. No entanto, pouco, muito pouco é sabido, ou é pesquisado sobre este importante intelectual catarinense. Grande parte do acervo pessoal do Professor Oswaldo Cabral permanece, ainda, graças ao empenho e dedicação pessoal da professora e historiadora Sara Regina Poyares de Souza, sobrinha do Professor Cabral. Contudo é urgente a guarda e preservação desse acervo, por meio institucional, como forma de permitir que parte da escrita da História de Santa Catarina, registrada e contada pelas lentes do professor Cabral, ultrapasse o limite do privado e atinja a esfera do público.

Palavras-chave: História, arquivo pessoal, Oswaldo Cabral.

Por arquivos pessoais ou de caráter privado, no tocante à teoria e seu uso para a História, podemos entender aqueles cujo acervo corresponde a uma pessoa, ou grupos familiares, ou ainda de empresas (BACELLAR, 2010, p. 42). Podem oferecer, portanto, as mais variadas fontes para o conhecimento histórico: desde livros, cadernos, documentos, cartas, agendas, fotografias, recortes de jornais, desenhos, poesias; ou, ainda, em tempos

¹Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, e-mail para contato: marcelo.sabino.martins@gmail.com

informatizados, mídias eletrônicas e dispositivos de armazenamentos de textos, imagens e sons sob a forma digitalizada.

O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística do Arquivo Nacional, por sua vez, define arquivo privado como sendo todo aquele oriundo ou produzido por “entidade coletiva de direito privado, família ou pessoa. Também chamado arquivo particular (BRASIL, 2005, p. 35).

No que concerne aos aspectos legais, no Brasil, há a Lei Federal número 8.159 de 8 de janeiro de 1991 que estabelece, em seu artigo 11, que são considerados “arquivos privados os conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades”. Prevê, a mesma Lei, no artigo seguinte, que os “arquivos privados podem ser identificados pelo Poder Público como de interesse público e social, desde que sejam considerados como conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional”.

No âmbito do Estado de Santa Catarina não há previsão legal para o que deverá ser considerado arquivo privado. Existe um aparato legal que “dispõe sobre a avaliação e destinação dos documentos da Administração Pública Estadual” (Lei número 9.747 de 26 de novembro de 1994). Um Decreto número 1.975 de 9 de dezembro de 2008, além de cinco Instruções Normativas que orientam e regulamentam ações para o arquivo de documentos oficiais, ditando tempo de guarda e procedimentos para a eliminação de documentos no âmbito da Administração Pública do Estado.

Para além da teoria ou de aspectos puramente legais existe a prática, é, pois, no campo da *praxis* do historiador que este texto se insere. Entende-se como uma das essenciais funções da História, compreender fatos e acontecimentos sociais, e, ao historiador ou historiadora mostrar o desenvolvimento das tramas humanas, com base nas fontes constantes em arquivos públicos ou privados. Neste sentido, caberia à História oferecer possibilidades de perceber os meandros, os desenvolvimentos dos fenômenos e feitos de homens e mulheres, como indivíduos, ou de grupos de pessoas.

É, portanto, tarefa primordial dos historiadores e historiadoras refazer, por meio da consulta aos acervos públicos ou privados, preenchendo “de modo consciente” com “teorias e hipóteses” os “buracos” deixados encontrados nestes documentos as trajetórias de homens e mulheres ou de grupos sociais, tentando contar como “as coisas se passaram” (VEYNE, 2008,

p.p. 82-119). Desta forma é inegável a importância da manutenção e disponibilização de acervos, o mais completos possíveis, para consulta e pesquisa pública, de forma a diminuir ao máximo o exercício de “tapar buracos”.

Não cabe, por ora, incorrer na delicada relação entre o que será considerado objeto de uso da História classificando o que importa e o que não importa preservar, pesquisar, sobretudo no tempo presente em que uma memória cada vez mais “pluralizada, fragmentada, transborda por todos os lados o ‘território do historiador’” (DOSSE, 2012, p.297).

Este texto, tem apenas a pretensão de destacar a importância para a História e Historiografia de Santa Catarina da manutenção e preservação de um acervo pessoal, que jaz bastante fragmentado e em vias de desaparecer. Trata-se de material produzido, guardado, colecionado durante toda a vida de um “intelectual de relevo, conhecido e reconhecido além das fronteiras catarinenses por seus trabalhos em diversos campos, sendo geralmente destacado como historiador e folclorista” (GONÇALVES, 2012, p. 90), seu nome: Oswaldo Rodrigues Cabral.

Estudar, tentar conhecer seus intelectuais, tentando traçar suas trajetórias de vida, suas experiências pessoais, profissionais, o que leram, escreveram, produziram, é, também, pesquisar e estudar a sociedade a qual pertenceram. Como escreveu Sartre: todo intelectual é um produto histórico, é uma testemunha importante de seu lugar e “nenhuma sociedade pode se queixar de seus intelectuais sem acusar a si mesma, pois ela só tem os que faz” (SARTRE, 1994, p. 31).

Em entrevista cedida à Revista de Ciências Humanas, publicada no volume 42, abril a outubro de 2008, Carlos Humberto Pederneiras Correa, referiu-se a Oswaldo R. Cabral como um “corifeu da Ciência, algo que não existe nos tempos atuais” (CORREA, apud GUERRA, 2008, p. 60), o que dá uma ideia de sua inserção, também, no meio científico em Santa Catarina, além de apontar para o seu papel de liderança junto à intelectualidade catarinense das décadas medianas do século XX. Mais motivos para estudar e pesquisar sobre Oswaldo R. Cabral.

A inserção de Cabral no mundo das Ciências, sobretudo o período de sua formação durante as Faculdades de Medicina no Paraná e no Rio de Janeiro (1924-1929), permanecem, ainda, pouco ou nada estudada, um dos motivos está na carência de documentos pessoais de Cabral deste período, disponíveis para consulta em arquivos públicos.

A maior parte do acervo pessoal de Oswaldo R. Cabral, está sob a guarda de sua sobrinha e herdeira intelectual, a também historiadora, professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina, Sara Regina.

A professora Sara mantém, atualmente, em sua casa em Florianópolis, nos fundos da antiga residência de Oswaldo Cabral, grande parte do acervo pessoal dele. São livros, correspondências, fotografias, desenhos, gravuras, pinturas, cadernos, cadernetas de viagens, papéis, anotações, documentos pessoais, certificados, convites, reportagens de jornais recortadas pelo próprio Oswaldo Cabral: uma infinidade de documentos e objetos que, por não ter onde, ou a qual instituição endereçar, permanece com ela.

Dezessete anos atrás houve uma tentativa de organização do acervo pessoal do médico e historiador Oswaldo Cabral. O assunto foi tema de reportagem no jornal impresso ANCapital de 18 de março de 2001. Na chamada da reportagem lê-se: “Oswaldo Cabral: um catarinense que fez história. A dois anos do centenário do historiador, família já organiza acervo guardado em casa da Esteves Júnior” (MENEZES, 2001, s/n). A matéria jornalística dá conta de que a família de Cabral mobilizara-se para:

[...]organizar o acervo de mais de oito mil livros de um dos historiadores que mais pesquisaram [sic] sobre a cultura do Estado. A idéia [sic] é fazer um levantamento de tudo o que Oswaldo Cabral reuniu ao longo de seus 74 anos de vida – livros, fotografias, selos, quadros, documentos, cartas [...]. A maior parte do acervo está na casa em que Cabral morou até sua morte [...]. A casa fica no número 546 da rua Esteves Júnior [...] em meio aos prédios residenciais que abarrotaram a rua nos últimos anos. (MENEZES, 2001, s/n)

A casa de Cabral, a de número 546 da rua Esteves Júnior, no centro da cidade de Florianópolis, tombada pelo Patrimônio Histórico Municipal desde 1988, foi toda reformada em 2016, mantendo suas características originais; quando foi sede de evento itinerante de arquitetura do Estado de Santa Catarina. Hoje, a referida casa já não abriga mais o acervo privado de Cabral, atualmente, está alugada. São as malhas e descaminhos de um arquivo pessoal.

Ainda sobre a tentativa de organização do acervo pessoal de Cabral, importante registrar que dele, segundo o artigo do jornal, constam “cartas” trocadas com políticos e historiadores as quais estão em “fase de classificação”. São missivas passivas e ativas trocadas por Cabral e importantes nomes da História do Brasil e de Santa Catarina, tais como Gilberto Freire, Dom Pedro de Orleans e Bragança, Adolfo Konder, e membros da família

Ramos, como Nereu e Mauro, sobrenome de destaque na seara política das terras catarinenses.

A ideia inicial da família Cabral, capitaneada por Sara, era a de criar um Instituto que levasse o nome de Oswaldo R. Cabral, para abrigar todo o seu acervo pessoal e disponibilizá-lo para consulta. O acervo conta, ainda, com importantes obras de arte de pintores que tornaram-se referência, em Santa Catarina, e no país. São obras de Franklin Cascaes, Domingos Fossari, Aldo Beck e Fontoura Rey; cerca de 300 quadros, entre eles dois originais de Victor Meirelles (SARA apud MENEZES, 2001).

Infelizmente o Instituto Oswaldo Cabral não vingou, tampouco a organização do acervo aconteceu, entre outros fatores em razão da total ausência de interesse do poder público e de instituições arquivísticas e de pesquisa no Estado de Santa Catarina, como já alertava, naquela ocasião, Sara Regina: “O valor desta casa está nas coisas que ela tem, pelas pessoas que passaram por aqui. Mas tudo vai depender das cabeças das pessoas que governam a cidade” (SARA, apud MENEZES, 2001).



Figura 1: Fotografia do Médico e Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, s.d.

Fonte: <http://museu.ufsc.br/2013/10/04/evento-comemora-os-110-anos-de-nascimento-de-oswaldo-rodrigues-cabral> acessado em 16 de março de 2017

OSWALDO R. CABRAL

Nasceu na cidade de Laguna, no dia 11 de outubro de 1903, filho de Ary Natividade Cabral e Luiza Rodrigues Cabral, ao que tudo indica, ambos teriam descendência portuguesa, mais precisamente, da região do arquipélago dos Açores².

Foi casado com a senhora Olívia Ramalho Cabral, com quem viveu durante 48 anos, não teve filhos. Faleceu em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, no dia 17 de fevereiro de 1978, aos 74 anos de idade, vítima de um infarto. Seu falecimento foi noticiado no jornal impresso de Santa Catarina, “O Estado”. No dia seguinte à sua morte, 18 de fevereiro de 1978, o veículo informativo dedica-lhe grande reportagem, merecendo destaque com chamada na capa, o que pode indicar um certo prestígio de Oswaldo Cabral no cenário social da cidade de fins da década de 1970.

Infarto mata Oswaldo Cabral

O professor Oswaldo Cabral faleceu às 14 horas de ontem [17 de fevereiro de 1978], vítima de infarto. Seu sepultamento será hoje no Cemitério da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, após a missa de corpo presente, que terá início às 9 horas na Capela do Menino Deus [junto ao Hospital Imperial de Caridade, primeiro hospital da cidade].

Vida e obra

Formado em Medicina e Antropologia, até sua morte publicou 77 obras versando sobre Medicina, Antropologia, Folclore, História e Ficção. Suas obras mais importantes são o Ensino da higiene nas escolas públicas de Santa Catarina (a primeira de 1929). A Medicina teológica e as benzeduras, o Segredo médico em face da lei penal e da deontologia, Aspectos sociais, jurídicos, médicos e médico-legais do problema da idade, Santa Catarina, Laguna e outros ensaios. Os jesuítas em Santa Catarina e o ensino das humanidades na província, Laguna - Rio Grande, João Maria, Contribuição ao estudo dos folguedos populares de Santa Catarina e Cultura e Folclore. (ESTADO, 18 de fevereiro de 1978)

VIDA

A matéria do periódico catarinense ainda destaca as muitas funções exercidas pelo médico e antropólogo ao longo de sua vida, desde cargos de Direção no Serviço de Higiene do Estado, sua breve passagem pela vida política e o seu importante papel na unificação das

² O Estado de Santa Catarina recebeu aborte de cerca de 6.000 casais açorianos que teriam ocupado, em grande medida, o litoral do Estado entre 1748 e 1756, na região compreendida entre os atuais municípios de Itajaí e Laguna. (PIAZZA, 1987:9-26).

várias faculdades para a formação do que veio a se tornar a Universidade Federal de Santa Catarina.

A partir de 1952, Cabral passa a atuar como Livre Docente da cadeira de Medicina Legal na Faculdade de Direito de Santa Catarina, fundada em 1932.



Figura 2: Fotografia do Prédio onde funcionou a Faculdade de Direito de Santa Catarina, 1932

Fonte: Acervo Fotográfico Universidade Federal de Santa Catarina

Em 1955 passa a integrar o corpo docente da Faculdade de Filosofia, da qual foi cofundador. Lecionava as seguintes disciplinas: História da Antiguidade e da Idade Média; Antropologia da Cultura (disciplina esta considerada sua predileta, ministrando-a até a sua aposentadoria); História de Santa Catarina e História da Arte. Das disciplinas de Medicina Legal à História da Arte, podemos depreender a natureza polímata de Oswaldo Rodrigues Cabral.

Contribuiu e coordenou a instalação do Laboratório de Fotografia dentro da Faculdade de Filosofia. Em 1960 assumiu a Direção da Seção de Documentação Histórica e Cartográfica, sem, contudo, parar as atividades docentes.

Neste mesmo ano, com a criação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, o professor Cabral foi eleito Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Por meio de

uma correspondência encaminhada ao Conselho Universitário da UFSC, os professores Oswaldo Rodrigues Cabral, Silvio Coelho dos Santos e Walter Fernando Piazza, manifestaram preocupação com a preservação de importantes sítios arqueológicos de Santa Catarina, tais como os sambaquis, vestígios petroglíficos, cerâmicas e desenhos rupestres. Lembrando que, “conforme instrumentos legais (Lei 3.924 de 26 de julho de 1961), cabe a Universidade Federal à responsabilidade de preservação do patrimônio arqueológico do Estado”.

E, em 1965, foi criado, oficialmente o Instituto de Antropologia da UFSC, órgão que se encarregaria da preservação e manutenção do patrimônio histórico e cultural de Santa Catarina (daquilo que viria a ser “eleito” como patrimônio histórico e cultural) do Estado. O Instituto só foi inaugurado três anos após, em 1968, sugerindo desde já, o ritmo da preocupação com o patrimônio cultural no Estado. (SOUZA, 1993).

Após dois anos de sua inauguração o Instituto de Antropologia deixa de existir, principalmente em função da Reforma Universitária imposta pela ditadura civil e militar no país. O Instituto de Antropologia, a “menina dos olhos” do professor Cabral, é transformado, não obstante sua contrariedade, em Museu Universitário. Mais tarde, em 1974, o museu passa a ser denominado “Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral”, como é conhecido até os dias atuais.



Figura 3: Fotografia do Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigue Cabral, s.d.
Fonte: http://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/10/Museu_UFSC_5.jpg acessado em 17 de março de 2017

Oswaldo Rodrigues Cabral teve seu nome emprestado, ainda, ao Arquivo Municipal de Florianópolis, oficializado o ato pela Lei Municipal nº 7.020 de 17 de abril de 2006, ao

Centro de Memória da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, de parte da avenida beira-mar em Florianópolis, nome de rua em Laguna, uma escola em Joinville e outra em São José.

No Arquivo Municipal de Florianópolis não há nenhum acervo daquele que lhe empresta o nome, apenas uma “Resenha Histórica e Bibliográfica” do Professor Cabral, confeccionada pelas próprias funcionárias do Arquivo, cansadas que estavam de serem indagadas por material para consulta sobre o homenageado, sem nada terem para oferecer.

OBRA

De suas obras publicadas destacamos quatro de um total de mais de 80 títulos publicados nas áreas de Medicina; Medicina e História; Medicina e Folclore; História de Santa Catarina; Folclore, Arqueologia e Antropologia além de obras de ficção.

A primeira obra destacada é *Santa Catarina: História e Evolução*, de 1937. Trata-se do primeiro livro do historiador Oswaldo Cabral, o qual será editado pela célebre Editora Nacional, da Biblioteca Pedagógica Brasileira, coleção Brasileira³, volume 80, um cartão de visitas e tanto para o primeiro livro de Cabral. O livro recebe excelentes críticas Brasil afora quando de sua publicação.

Outra obra por nós destacada é *Medicina, Médicos e Charlatões do Passado*, 1942. Em linhas gerais, descreve as doenças e as práticas médicas na Ilha de Santa Catarina. Cabral considerava este livro como um dos “balões de ensaio” (CABRAL, 1971, s/n) para o que ele mesmo classificou como sua obra mais importante: *Nossa Senhora do Desterro* (primeira edição em 1971). *Medicina, Médicos e Charlatões do Passado*, foi reeditada, na íntegra, com

³Logo após a revolução de 1930 e a criação do Ministério da Educação e Saúde, foi lançada a Coleção Brasileira, tornando-se exemplo para coleções pedagógicas no Brasil. Idealizada por Octales Marcondes Ferreira, presidente da Companhia Editora Nacional, a Coleção Brasileira atinge mais de 380 títulos de várias áreas do conhecimento tais como História, Antropologia, Geografia e Economia. A obra *Santa Catarina: História e Evolução* está disponível na forma digital, na íntegra em: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/298/Santa-Catarina-historia-evolucao>. Destaca-se a apresentação da obra contida no sítio eletrônico da Coleção Brasileira: “Considerada um dos melhores trabalhos relativos à história de um estado brasileiro, a obra valoriza a atuação dos sertanistas paulistas no povoamento inicial do território e a presença do elemento açoriano, a partir de meados do século XVIII, alterando a imagem de uma Santa Catarina estrangeira, determinada pela forte presença de imigrantes, sobretudo alemães”. Cabe lembrar que o livro foi lançado num contexto de fortalecimento de um discurso de identidade nacional, e uma retórica nacionalista promovidos durante o período correspondente ao Estado Novo, no Brasil, que visava conter as identidades regionais e locais e as influências alienígenas, como as de imigrantes que não dominavam a língua portuguesa. O sítio disponibiliza para leitura, também de autoria de Oswaldo Rodrigues Cabral, *João Maria: Interpretação da Campanha do Contestado 1912-1916*, escrita pelo autor em (1960).

desenhos de Aldo Beck (a primeira fora ilustrada pelo próprio Cabral), pela revista “Arquivos Catarinenses de Medicina”, periódico da Associação Catarinense de Medicina - ACM, em Edição Especial, denominada Edições Culturais de Arquivos Catarinenses de Medicina, no ano de 1977 (Ano 1, nº 1 – mês de abril). A Edição-Livro da revista da ACM custou à Associação “uma quantia superior a 170 mil cruzeiros, cujos recursos foram levantados pela atual Diretoria” (ACM, 1977, p. III).

Em 1960, é publicada, também pela Editora Nacional *João Maria: interpretação da Campanha do Contestado*, considerada a primeira obra de cunho histórico escrita por um civil⁴ sobre o sangrento conflito armado ocorrido na região do meio-oeste catarinense entre os anos de 1912 e 1916⁵.

Por fim, lembramos de *Nossa Senhora do Desterro*, de 1971, editada pela Imprensa Oficial da Universidade Federal de Santa Catarina, consiste em trabalho de fôlego em quatro volumes: *Notícia I e II e Memória I e II*. *Notícia* é apresentada ao leitor por Nereu Corrêa: [...] “é a história da vida e da sociedade desterrense vista sob um prisma mais ameno, senão mesmo jovial, em que ao fato histórico se enlaçam o pitoresco e o anedótico, lembrando o BREVIÁRIO DA BAHIA, de Afrânio Peixoto”.

Memória recebe considerações de Gustavo Neves:

Em ‘Nossa Senhora do Desterro’ há, porém, de tudo quanto possa caracterizar a formação social e espiritual da população desterrense. São também flagrantes vividos, apanhados agora por um escritor que possui todos os recursos da técnica de narrar – e o faz com brilho inexcedível, anotando com método próprio de objetividade tudo o que vê em registros

4Alguns militares deixaram registros de suas memórias sobre o conflito ocorrido na região do meio-oeste catarinense. Tais como Demerval Peixoto com *Campanha do Contestado* (1920) e Marechal Setembrino de Carvalho em *Memórias: dados para a História do Brasil* (1950). Ambos podem ser consultados no arquivo F. Setembrino de Carvalho do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, disponíveis em www.cpdoc.fgv.br.

5Ocorrido em uma área correspondente a cerca de um terço do total do Estado de Santa Catarina compreendida entre os rios do Peixe (Leste) e Peperi-guaçú no Oeste, a Guerra do Contestado recebe este nome em razão do território estar em litígio entre Santa Catarina e Paraná. A região sul do Brasil fora constantemente objeto de desejo entre nações e grupos econômicos seja no período colonial, imperial ou mesmo republicano. Por diversas razões, sejam econômicas tais como a importância produtiva de suas terras irrigadas por caudalosos rios, pela exploração da madeira e da erva-mate, pela pecuária, abundância de madeiras de Lei como a imbuia e a araucária; quer seja por constituir uma região estratégica geograficamente. Segundo (MACHADO, 2004), por ser uma região com características mercantis e tropeira, o interior da região sul do Brasil, propiciou um considerável afluxo de parte da população formando um corredor que, diferente de outras regiões do interior do país, foram proporcionalmente mais povoadas do que o próprio litoral. Ainda, segundo o autor, em Santa Catarina, por exemplo, nas décadas iniciais do século XX, várias comunidades litorâneas viviam em maior isolamento que a população do planalto oeste.

[sic] de jornais ou de velhos documentos conservados nos arquivos públicos.
(NEVES, 1971, s/n).

Nossa Senhora do Desterro foi reeditada, postumamente, em 1979, pela editora florianopolitana Lunardelli em dois volumes.

Há uma grande quantidade de livros de autoria de Oswaldo R. Cabral, muitos dos quais considerados obras raras, disponibilizados para compra em sites especializados, em diversos sebos espalhados pelo país, o que, por um lado pode apontar uma certa circularidade de suas obras, mas, por outro, são sintomas de uma crescente e lamentável comercialização de um importante acervo que deveria estar disponibilizado para a consulta pública.

Livros, cartas, documentos de acervos pessoais ou públicos que constituem os arquivos de um modo geral, devem servir para provar, lembrar, compreender aspectos da sociedade, um tempo, um passado, de seus autores ou autoras, ou mesmo leitores ou leitoras. Lembrar é uma utilidade de gestão, já compreender é uma utilidade científica de conhecimento (DELMAS, 2010, p. 21), sobretudo para a construção do saber histórico.

O acervo pessoal de Oswaldo Rodrigues Cabral é fundamental para compreender parte de um passado e da sociedade catarinense, as tramas e meandros da própria historiografia catarinense. É imprescindível sua manutenção e preservação ao tempo em que se faz urgente e necessário transpor os limites que o mantém encerrados, ainda, no âmbito privado.

REFERÊNCIAS

BACELLAR, C. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C.B.; **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p.p. 23-79;

BRASIL, Arquivo Nacional do. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/> Acesso em 18 de set de 2017;

CABRAL, O.R.; Medicina, Médicos e Charlatães do Passado. In: ACM, **Revista Arquivos Catarinenses de Medicina**; Florianópolis: Edição Especial, ano 1, nº 1 – abr, 1977.

CABRAL, O. R. **Medicina**, Médicos e Charlatães do Passado. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado: 1942.

CABRAL, O. R. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

CABRAL, O. R. **Nossa Senhora do Desterro**: Notícia I e II. Florianópolis: Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1971.

CABRAL, O. R. **Nossa Senhora do Desterro**: Memória I e II. Florianópolis: Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1971.

CABRAL, O. R. **João Maria**: interpretação da campanha do Contestado. São Paulo: Editora Nacional, 1960.

CABRAL, O. R. **Santa Catharina**: história e evolução. São Paulo: Editora Nacional, 1937.

DELMAS. B. **Arquivos para que?** São Paulo: IFHC, 2010;

DOSSE, F. **A história**. São Paulo: Unesp, 2012;

GONÇALVES, J.; A vida através das lentes da medicina científica: a atuação de Oswaldo Rodrigues Cabral em Santa Catarina. In: AMORA, A.M.G.A.; **História de Santa Catarina**: instituições e patrimônio arquitetônico (1808/1958). Barueri/SP: Minha Editora; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012, p.p. 89-130;

GUERRA, R. F. **Oswaldo Rodrigues Cabral**: notas sobre a trajetória de vida de um intelectual brilhante. In: Revista de Ciências Humanas; Florianópolis: EDUFSC, v. 42, n. 1 e 2, p.p. 9-60, abr e out de 2008;

PIAZZA, W.F. **A epopéia açoriana** (1748/1756) In: Dois estudos sobre a presença açoriana em Santa Catarina. Florianópolis: Conselho Estadual de Cultura, 1987, p. 9-26.

MACHADO, P. P. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2004.

MENEZES, A.C.; **Oswaldo Cabral**: um catarinense que fez história. In: Jornal ANCapital, Florianópolis, s/n, 18 de mar de 2001;

SARTRE, J.P. **Em defesa dos intelectuais**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

SOUZA, S. R. S. de.; **Oswaldo Rodrigues Cabral**: páginas de um livro de Memórias. Florianópolis: UFSC/UDESC, 1993.